

## Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram: reflexões sobre as pesquisas de gênero e sua relação com a Teoria Queer a partir da teologia

When sex, gender and sexuality meet: reflections on gender research and its relation  
with the Queer Theory on the basis of theology

André Sidnei Musskopf<sup>1</sup>

asmusskopf@hotmail.com

---

**Resumo.** Este artigo inicia deixando claro o lugar de onde é construído: a teologia. Afirma que teólogos e teólogas são vistos e vistas com suspeita por estudiosos e estudiosas trabalhando com questões de gênero porque se supõe que estejam conectados e conectadas com um discurso normalizador, dentro da teologia, porque trabalham com questões de gênero. Passa então a apresentar uma definição da Teoria Queer, traçando o desenvolvimento histórico do feminismo para a Teoria Queer, centrando-se em como estes campos teóricos estão representados na construção teológica. Antes de advogar a corporeidade como o “lugar” onde sexo, gênero e sexualidade se encontram, sendo por isso um princípio hermenêutico para avaliar e construir novas formas de ser humano, mostra como estes três conceitos, e como consequência estudos de gênero e *queer*, precisam estar conectados na reflexão que pretende libertar todos os seres humanos.

**Palavras-chave:** teorias de gênero, Teoria Queer, estudos feministas, estudos gays e lésbicos.

### Abstract.

The article starts by clarifying the place from where it is constructed: theology. It affirms that theologians are looked at with suspicion by scholars working with gender issues because they are supposed to be connected to a normalizing discourse, within theology, because they work with gender issues. It then presents a definition of Queer Theory tracing the historical development from feminism to Queer Theory, focusing on how these theoretical fields are represented in theological construction. Before advocating embodiment as the “place” where sex, gender and sexuality meet – therefore, embodiment is a hermeneutical principle to evaluate and construct new ways of being human – it shows how those three concepts, and as a consequence gender and queer studies, must be connected in the reflection that intends to liberate all human beings.

**Key words:** gender theories, Queer Theory, feminist studies, gay and lesbian studies.

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia, doutorando no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo.

## Algumas introduções

Preciso iniciar esta fala assumindo o lugar de onde apresento esta reflexão. Sou teólogo e é dentro da teologia que reflito e procuro mostrar a pertinência das três realidades simultâneas e interconexas que são sexo, gênero e sexualidade. Isso não significa que ignore as reflexões produzidas e construídas em outras áreas como sociologia e antropologia, por exemplo. Estas áreas do conhecimento muitas vezes fornecem o subsídio teórico e a pesquisa empírica para as reflexões que fazemos na área da teologia. Trata-se de um diálogo interdisciplinar. Mesmo assim, a apropriação que fazemos destas reflexões está voltada para a especificidade da construção do discurso teológico e também da prática eclesial que se fundamenta, ou não, neste discurso. Estas outras áreas, muitas vezes, olham para teólogos e teólogas com certa suspeita, pois o discurso teológico, em grande medida, tem servido historicamente para normatizar e impedir a incursão de práticas e teorias desestabilizadoras, vistas como heréticas. Justamente por isso, aqueles e aquelas de nós que têm trabalhado com estas temáticas temos sido vistos e vistas com suspeita também dentro da própria teologia. Por isso, concordo com Peter T. Nash, que afirma:

*Nós [teólogos e teólogas] não achamos engraçado quando escutamos de alguns colegas europeus e euro-americanos que nós não estamos engajados em pesquisa verdadeiramente “científica” mas sim em alguma ciência social de definição ambígua* (Nash, 2003, p. 25).

É neste limbo epistemológico que fazemos nossas pesquisas sobre sexo, gênero e sexualidade no campo da Teologia, valorizando os vários ângulos destes campos e não simplesmente aplicando os conhecimentos sociológicos e antropológicos à crítica ao discurso teológico patriarcal, androcêntrico, antropocêntrico, sexista, racista, classista e homofóbico. É um exercício inter e transdisciplinar, nem sempre “puro” e “perfeito”, mas um tanto próximo daquilo que propõe a Teoria Queer em termos epistemológicos.

Talvez aqui, já que estamos em algumas questões introdutórias, seja importante, para aqueles e aquelas que não conhecem ou nunca ouviram falar, explicar e propor uma definição rápida do que é a Teoria Queer. E não se preocupem: é algo bem “estranho/esquisito” mesmo.

Primeiro: “queer” é um termo da língua inglesa, traduzido comumente como “estranho, esquisito, singular, excêntrico”. A partir desta acepção, o termo também é empregado, especialmente na América do Norte, para pessoas que não correspondem ao padrão heterossexual da vivência da sexualidade e do papel de gênero correspondente ao seu sexo. Neste sentido, a apropriação do termo pela cor-

rente acadêmica que se denomina Teoria Queer, como afirmam A. Stein e K. Plummer,

*[...] é um jogo político na palavra queer, por longo tempo identificada como “homossexualidade”, e a mais nova série de “afirmações reversas” na qual as categorias construídas através da medicalização são usadas contra elas mesmas* (Stein e Plummer, 1996, p. 134).

A proposta central da Teoria Queer é romper com os dualismos (de maneira especial a oposição entre homo e heterossexual), desestabilizando uma estrutura social heterocentrada, construída ao redor do paradigma heterossexual. Assim, como afirma W. B. Turner:

*“Queer” tem a virtude de oferecer, no contexto de investigação acadêmica sobre identidade de gênero e identidade sexual, um termo relativamente novo, que conota etimologicamente um cruzamento de fronteiras mas que se refere a nada em particular, por isso deixando a pergunta por suas denotações aberta a contestação e revisão* (Turner, 2000, p. 35).

Ou ainda, como afirma E. K. Sedgwick, uma das precursoras da Teoria Queer:

*[A Teoria Queer refere-se a] uma trama aberta de possibilidades, brechas, sobreposições, dissonâncias e ressonâncias, lapsos e excessos de significado quando os elementos constituintes do gênero de alguém, da sexualidade de alguém não são feitos (ou não podem ser feitos) para significar monoliticamente* (Sedgwick, 1993, p. 8).

Ainda falaremos mais sobre a Teoria Queer, suas origens e propostas quando buscarmos a relação entre sexo, gênero e sexualidade, o que, afinal, está prometido no título desta apresentação.

## Do feminismo à Teoria Queer

Guacira Lopes Louro, em sua conferência sobre a relação entre os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a Teoria Queer, no II Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, afirmou que

*os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer são campos teóricos e políticos marcados por afinidades e alianças e, ao mesmo tempo, atravessados por debates e divergências perturbadoras* (Louro, 2004b, p. 23).

Na década de 1970, o mundo ocidental presenciou uma efervescência de movimentos políticos contestatórios do *status quo* branco, rico, masculino e heterossexual. Dois destes movimentos que nos interessam de maneira especial aqui foram a segunda onda do movimento feminista e a organização do moderno movimento homossexual (de maneira simbólica instaurado a partir de 1969 com a Revolta de Stonewall). Concomitantemente a estes movimentos políticos, desenvolveram-se os campos teóricos definidos como feminismo e estudos gays e lésbicos.

No campo da teologia, esta fase pode ser marcada pela irrupção de diversas teologias “da libertação”: a teologia feminista (tendo como marcos os livros *The church and the second sex* – 1968, e *Beyond God the Father* – 1973, de Mary Daly); a teologia negra (tendo como marco o livro *Black theology and black power* – 1969, de James Cone); a teologia latino-americana da libertação (tendo como marco o livro *Teologia da libertação* – 1971, de Gustavo Gutiérrez). Embora a reflexão de lésbicas, em grande medida, tivesse espaço na teologia feminista, uma teologia gay ainda não se articulava substancialmente. A primeira publicação provavelmente seja *Is gay good?: ethics, theology and homosexuality* – 1973, de D. W. Oberholtzer. Ainda na década de 70 foi publicado *Towards a theology of gay liberation* por M. Macourt. Obras mais significativas datam apenas da década de 1990: *A place to start: toward an unapologetic gay liberation theology* – 1989, *A defiant celebration: theological ethics and gay liberation theology* – 1990, *Beyond our ghettos: gay theology in ecological perspective* – 1993, *Defying darkness: gay theology in the shadows* – 1997, de J. M. Clark; *Jesus acted up – A gay and lesbian manifesto* – 1993, de R. Goss; *Gay theology without apology* – 1993, de G. D. Comstock; *Know my name – A gay liberation theology* – 1995, de R. Cleaver.

Na América Latina, embora houvesse uma preocupação com a questão da mulher na Igreja e na teologia já no final da década de 1960 e na década de 1970, apenas na década de 1990 é que questões de gênero passaram a fazer parte do referencial teórico utilizado pelas teólogas feministas, através da influência de teólogas norte-americanas (Brunelli, 2000). Já uma Teologia Gay, procurando a conexão entre uma identidade sexual marginalizada e o discurso teológico, é ainda mais recente. O meu próprio livro *Uma brecha no armário – Propostas para uma teologia gay*, publicado em 2002, deve ser a primeira publicação a assim se nomear na América Latina.

Assim como nos estudos feministas em outras áreas, a Teologia Feminista muitas vezes assumiu uma postura assimilacionista, reivindicando uma “natureza feminina” específica, sem atentar para as relações de poder e os discursos opressivos que definiam uma tal “natureza” (focalizando no

dom natural para a maternidade, o cuidado, a sensibilidade, etc.). A mesma coisa aconteceu, e acontece, nos estudos gays e lésbicos e na teologia gay. Cria-se uma caricatura do homem homossexual, por exemplo, atribuindo-lhe características consideradas “naturais” (como a propensão para profissões artísticas, a ligação com o estereótipo feminino, etc.). Desta forma, garante-se a integração de mulheres e homossexuais numa sociedade sexista e heterossexista, sem, de fato, questionar e transformar a estrutura social e, no caso da Igreja e teologia, a estrutura eclesiástica.

Os estudos feministas, ao incorporarem as categorias de gênero, forneceram um instrumental capaz de alavancar este salto qualitativo. A partir delas, tornou-se possível questionar, nas diversas áreas do conhecimento, os padrões patriarcais que definem o que significa ser mulher, em todas as esferas da vida. A desconstrução a partir destas categorias mostrou que tanto homens quanto mulheres aprendem a ser e viver como tal a partir de um complexo aparato de normas e regras de comportamento que definem os papéis de gênero vividos nos diversos âmbitos da sociedade. Desta forma, permitiram visualizar as conexões estabelecidas entre sexo (o dado físico-biológico) e gênero (o dado social) sem, muitas vezes, questionar a relação natural estabelecida entre esses dois e o dado sexual (a sexualidade), mantendo a orientação lógica do desejo para aquilo que se chama de “sexo oposto”. Assim, deixam de questionar a estrutura heterocêntrica, ignorando que os dados físico-biológico e social são atualizados nos corpos desejantes e excluindo uma multiplicidade de possibilidades de vivência da sexualidade fora dos padrões heteronormativos. Mas agora já estou me adiantando um pouco.

Os estudos gays e lésbicos utilizaram-se das categorias de gênero, mas desenvolveram seus estudos notadamente na área da sexualidade. Com o aprofundamento destes estudos e também com o questionamento advindo dos movimentos políticos, categorias como homossexual, gay e lésbica mostraram-se demasiadamente limitantes para falar da diversidade de identidades sexuais envolvidas nestes movimentos. Como afirma T. Spargo:

*Bissexualidade, transexualidade, sadomasoquismo e identificação transgênero, todas, implicitamente, contestaram o ideal inclusivo da política assimilacionista. A incompatibilidade pode ser parcialmente interpretada como respeitabilidade. Se você quer ser uma parte igual de um mundo heterossexual provando quão comum, quão exatamente-como-você (mas talvez um pouquinho mais sensível ou artístico) você é, simplesmente não será possível ostentar os seus desejos e relações mais excessivas, transgressivas (Spargo, 1999, p. 31).*

Assim, no final da década de 1980 e início da década de 1990, começou-se a falar em Teoria Queer. Neste campo teórico, são inegáveis as contribuições dos estudos sociais, históricos, especialmente os realizados no âmbito da teoria feminista da segunda onda do movimento feminista. Assim como Eve Kosovki Sedgwick, Teresa de Lauretis e Judith Butler, precursoras da Teoria Queer, os estudos de muitas outras feministas serviram de inspiração para os/as teóricos/as que agora se colocam sob a categoria “queer”. Conforme W. B. Turner:

*As preocupações de teóricos/as queer por sexualidade, gênero e a relação entre os dois, assim como suas ramificações políticas e intelectuais, crescem distintamente da atividade acadêmica e política feminista tanto quanto, senão mais do que, da atividade acadêmica e política gay (Turner, 2000, p. 5).*

Neste sentido, deram um passo além das análises de gênero, tornando a sexualidade um assunto de relevância acadêmica, não só nos discursos e estudos da medicina e psicologia, mas em áreas tão diversas quanto economia, sociologia, antropologia, política e religião.

No contexto acadêmico brasileiro, esta reflexão permanece um tanto invisibilizada. Embora inúmeros estudos estejam sendo desenvolvidos nesta área, utilizando a Teoria Queer como referencial teórico, sua popularização na academia continua sendo um desafio. Além dos estudos sobre a sexualidade brasileira que poderiam ser qualificados sob esta ótica, um exemplo da existência de uma pesquisa queer na academia brasileira é a articulação da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura e alguns núcleos de pesquisa que têm se ocupado com a temática. Conforme G. L. Louro:

*A força e a graça de lidar com as questões levantadas pelas feministas, pelos gays e lésbicas ou queer reside, justamente aí, nessa disposição de ser continuamente subversivo, nesta tendência a desobedecer (Louro, 2004b, p. 25).*

## Quando sexo, gênero e sexualidade se des-encontram

Já deve ter ficado evidente o que especificamente quero dizer com sexo, gênero e sexualidade. Mas, para reafirmar:

1) entendo sexo como o dado físico-biológico, marcado pela presença de aparelho genital que diferencia os seres humanos entre machos e fêmeas; além do aparelho genital, a partir de pesquisas recentes, é dada atenção também ao código genético;

2) entendo gênero como o dado social, formado por um aparato de regras e padrões de comportamento que configuram a identidade social das pessoas “normalmente” a partir do substrato físico-biológico;

3) entendo sexualidade como o dado sexual, composto pela forma (ou pelas formas) como e com quem é expresso o desejo erótico e sexual. Esse dado também é chamado por alguns/as de “orientação sexual”.

Uma das áreas às quais tenho me dedicado na minha pesquisa sobre gênero é a masculinidade. Este é um tema bastante recente e não muito pesquisado. Mesmo assim, há um grande número de trabalhos e publicações nesta área nos últimos tempos, sejam elas acadêmicas ou de cunho popular-consumista. Isto se deve à popularização do que se convencionou chamar “a crise do macho”. Esta expressão é usada para falar do desconforto de muitos homens diante das mudanças ocorridas desde a década de 1970, especialmente com o avanço e visibilidade do movimento feminista.

Os estudos sobre masculinidade realizados dentro das categorias de gênero têm contribuído muito para a desconstrução de um modelo de masculinidade hegemônico e têm proposto e valorizado novas formas de ser homem. No entanto, muitas publicações, especialmente aquelas voltadas para o consumo mais popular, mas também algumas realizadas em círculos acadêmicos, na tentativa de desconstrução do papel do “macho” limitam-se à análise da sua relação com as mulheres e pressupõem a sua sexualidade heterossexual. Raramente se mencionam formas “alternativas” de masculinidade e suas contribuições para este debate.

Estas reflexões de modo geral ignoram as discussões realizadas no âmbito dos estudos gays e lésbicos e da teoria queer. Preservam uma dicotomia entre homens e mulheres, entre masculino e feminino, geralmente fundamentada nas categorias jungianas *animus* e *anima* para falar de elementos masculinos e femininos presentes em homens e mulheres. A partir destes princípios definem-se características sobre o que corresponde a cada um deles e a necessidade de valorização do princípio feminino nos homens. Isso não significa que, nas reflexões sobre o papel social de homens e a necessidade de desconstrução, o tema da sexualidade não esteja presente. Ele está. Até porque o que significa ser homem está ligado diretamente a um tipo de sexualidade que se espera dele. Conforme Diego Irrarazaval: “Uma sexualidade hegemônica masculina é violenta e competitiva; deve ser demonstrada de forma quase obsessiva; está centrada no pênis; é homofóbica e intolerante com relação aos homossexuais; é irresponsável” (Irrarazaval, 2002, p. 28). No entanto, esta é minha impressão, as discussões de gênero centram-se na reflexão sobre a sexualidade normativa, sem aprofundar sua discussão a partir da experiência concreta de muitos homens e muitas

mulheres, talvez a maioria deles e delas, que não se encaixam nesta norma.

As reflexões sobre gênero, se desvinculadas das reflexões sobre sexualidade desenvolvidas no âmbito dos estudos gays e lésbicos e da Teoria Queer, correm o risco de criar outras identidades estáticas, pretensamente libertas, quando ainda excluem uma multiplicidade de possibilidades, tanto com relação ao próprio papel social desempenhado por homens e mulheres, quanto pela vivência do seu desejo expresso através da sexualidade.

## Corporeidade – onde sexo, gênero e sexualidade se encontram

O que sexo, gênero e sexualidade têm em comum entre si, assim como com todas as outras características que definem a identidade dos seres humanos, é que elas são significadas apenas em nossos corpos. Com o termo “corporeidade”, não me refiro apenas ao corpo humano como conjunto de órgãos e partes, mas ao ser humano enquanto presença corporal e a sua relacionalidade consigo mesmo, com outras pessoas, com a natureza e com a divindade. É a forma como existimos e damos significado à nossa existência. Neste sentido, o corpo é a “superfície de inscrição de valores” tanto sociais quanto sexuais. Os papéis de gênero são construídos sobre os corpos e vivenciados através de uma sexualidade que lhes corresponde.

Tradicionalmente a relação entre estes três elementos constituintes da identidade tem sido considerada em uma seqüência lógica onde a um sexo físico-biológico correspondem um determinado comportamento de gênero e uma maneira específica de vivência da sexualidade. Conforme G. L. Louro: “A coerência e a continuidade supostas entre sexo-gênero-sexualidade servem para sustentar a normatização da vida dos indivíduos e das sociedades.” (Louro, 2004a, p. 88). A Teoria Queer, ao abrir-se para possibilidades múltiplas de relação entre estes três elementos, rompe com esta lógica e permite a vivência de formas alternativas. Abordar o tema da corporeidade desde a Teoria Queer e, no meu caso específico, desde a pesquisa com homens gays, permite desconstruir estereótipos de gênero e sexuais, utilizando o corpo e suas experiências subversivas como paradigma hermenêutico.

Alguns modelos de corporeidade *queer* nos ajudam a perceber as limitações de nossas análises de gênero quando desvinculadas da reflexão sobre a sexualidade em suas múltiplas e inúmeras manifestações. Guacira Lopes Louro, em seu livro *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, menciona o exemplo da *drag queen* que explicitamente fabrica o seu corpo e, segundo a autora,

*repete e subverte o feminino, utilizando e salientado os códigos culturais que marcam esse gênero. [...] Sua figura insólita ajuda a lembrar que as formas como nos apresentamos como sujeitos de gênero e de sexualidade são, sempre, formas inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos* (Louro, 2004a, p. 86).

Em outro texto meu, *Queer: teoria, hermenêutica e corporeidade* (Musskopf, 2004), além de fazer referência às *drag queens*, trabalhei também com o exemplo de travestis, *strippers* e transformistas, para propor a “corporeidade” como paradigma hermenêutico capaz de nos ajudar na desconstrução de modelos engessados de vivência de gênero e sexualidade construídos e codificados em nossos corpos. Participando de uma mesa de discussão no Grupo de Assuntos de Homens Gays em Religião, no Encontro Anual da Academia Americana de Religião, nos Estados Unidos, assisti à apresentação de um transexual sobre uma teologia a partir desta experiência específica. Tratava-se de uma pessoa que nascera com características físico-biológicas femininas, fizera cirurgia de adaptação de sexo, tendo construído um aparelho genital masculino em seu corpo, e que agora se identificava como um homem gay. Neste exemplo, sexo, gênero e sexualidade se misturam de uma maneira a nos deixar completamente tontos e tontas e exigem novas formulações. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram, as possibilidades são múltiplas.

Uma teologia queer ainda permanece, em grande parte, por ser escrita, embora já haja um número grande de reflexões nesta área. De qualquer forma, o corpo e a corporeidade vêm assumindo um espaço cada vez maior na teologia, permitindo que uma nova idéia de sexualidade também apareça, pois, como afirma Peter T. Nash:

*De alguma maneira, os grandes pais da teologia, desde o século I até a metade do século XX são apresentados como tendo praticado a sua arte sem nenhum contexto social e, então, subitamente, asiáticos, mulheres, negros, gays e latino-americanos começaram a infectar a pureza teológica com seus corpos e suas perguntas e afirmações em torno do corpo* (Nash, 2003, p. 26).

É meu desejo e o nosso trabalho fazer com que esta infecção se generalize, permitindo cada vez mais encontros entre sexo, gênero e sexualidade.

## Referências

BRUNELLI, D. 2000. Teologia e gênero. In: L.C. SUSIN (org.), *Sarça ardente*. São Paulo, Paulinas, p. 209-218.

- IRRARAZAVAL, D. 2002. *Felicidad masculina – Una propuesta ética*. Caderno, Chucuito, Peru, 66 p.
- LOURO, G. L. 2004a. *Um corpo estranho – Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, Autêntica, 90 p.
- LOURO, G. L. 2004b. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria *queer* como políticas de conhecimento. In: D. LOPES; B. BENTO; S. ABOUD e W. GARCIA (orgs.), *Imagem & diversidade sexual – Estudos da homocultura*. São Paulo, Novas Edições, p. 23-28.
- MUSSKOPF, A.S. 2002. *Uma brecha no armário – Propostas para uma teologia Gay*. São Leopoldo, EST.
- MUSSKOPF, A.S. 2004. Queer: teoria, hermenêutica e corporeidade. In: J. TRASFERETTI (org.), *Teologia e sexualidade – Um ensaio contra a exclusão moral*. Campinas, Átomo, p. 179-212.
- NASH, P.T. 2003. *Reading race, reading the Bible*. Minneapolis, Fortress Press, 72 p.
- SEDGWICK, E.K. 1993. *Tendências*. Durham, Duke University Press.
- SPARGO, T. 1999. *Foucault and Queer Theory*. New York, Totem Books, 75 p.
- STEIN, A. and PLUMMER, K. 1996. “I can’t even think straight”: “Queer” Theory and the missing sexual revolution in sociology. In: S. SEIDMAN (ed.), *Queer Theory/Sociology*. Oxford, Blackwell Publishers, p. 129-144.
- TURNER, W.B. 2000. *A genealogy of Queer Theory*. Philadelphia, Temple University Press, 356 p.